

## **Intelectuais na imprensa: as *crônicas de educação* de Cecília Meireles no jornal carioca Diário de Notícias**

### **Intellectuals in the press: Cecília Meireles educational chronicles in rio de janeiro's newspaper Diário de Notícias**

Bernadete de Lourdes Streisky Strang\*

---

**Resumo:** Na década de 30, o Brasil atravessou um momento bastante conturbado nos campos da política e da educação. No campo educacional destacaram-se dois grupos que disputavam a hegemonia do sistema escolar: de um lado o grupo católico que reivindicava, entre outras coisas, o ensino religioso obrigatório nas escolas. De outro, um grupo que acabara de se constituir e procurava se afirmar dentro deste espaço: os Pioneiros da Educação Nova. Estes intelectuais, imbuídos de novos ideais pedagógicos e sociais, encabeçaram um movimento de renovação, que culminou na formulação e publicação de um documento intitulado Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Esse manifesto foi assinado por 26 intelectuais, entre eles Cecília Meireles. Cecília Meireles é considerada pela crítica especializada uma das mais importantes poetas brasileira. No entanto sua atuação como educadora e participante ativa do movimento da Escola Nova é pouco conhecida. O objetivo deste trabalho é o estudo histórico das idéias e do envolvimento político educacional de Cecília Meireles, seus pensamentos e suas ações, sua inserção neste grupo, suas iniciativas no âmbito da formação, organização e disseminação da cultura no Brasil dos anos 30. Utilizamos como fonte principal as crônicas publicadas no jornal carioca, Diário de Notícias, de 1930 a 1933, no qual Cecília dirigia uma página diária, a "Página de Educação".

**Palavras-chave:** Cecília Meireles. Intelectuais. Pioneiros. Escola Nova.

**Abstract:** In the 1930's, Brazil went through one of the most disturbed moments in the fields of politics and education. In the educational field two groups that disputed the hegemony of the school system were pointed out: on the one hand the catholic group, that reclaimed, among other things, the mandatory religious teaching at school. On the other hand, another group that had just been constituted and searched for affirmation within this space: the Pioneers of the New Education. These intellectuals, who owned new pedagogical and social ideals, headed a renewing movement, that culminated in the creation and publication of a document entitled O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (Manifest of the Pioneers of New Education). This manifest was signed by 26 intellectuals that shared the same ideal, among them Cecília Meireles. According to critics, Cecília Meireles is considered one of the most important Brazilian poets. However, her performance as an educator and active participant in the New School movement is not very recognized. This work aims at the historical study of Cecília Meireles' ideas as well as political and educational involvement, her course, thoughts and actions,

---

\* Doutora em Ciências Humanas - Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro PUC-RJ. E-mail: [bstrang@sercomtel.com.br](mailto:bstrang@sercomtel.com.br); [bernadete\\_strang@hotmail.com](mailto:bernadete_strang@hotmail.com)

her introduction in this group, and also her initiatives in the formation, organization and spread of the culture in Brazil during the 30's. We used as our main source the chronicles published in a Rio de Janeiro newspaper, *Diário de Notícias*, from 1930 to 1933, in which Cecília Meireles was the director of a daily page, "The Educational Page" (*A Página da Educação*).

**Key words:** Cecília Meireles. Intellectuals. Pioneers. New School.

---

## Introdução

Como podemos definir intelectuais? Que papéis exercem e como contribuem nas sociedades das quais fazem parte? Se pensarmos nas possibilidades de ações intervencionistas desse segmento, interessa-nos menos saber o que são e mais saber como operam. No caso do Brasil nos anos 30, nos interessa compreender como essa categoria <sup>1</sup> agiu, como se organizou e como interveio na realidade social à época, especialmente aqueles que elegeram a imprensa como um lugar estratégico em defesa de um objetivo comum: a reestruturação do sistema de ensino brasileiro. A imprensa teve grande participação na constituição histórica da memória social e política do Brasil e, aproveitando o momento de mudanças – que se pretendiam estruturais – a crença no poder regenerador da educação engajou muitos intelectuais ligados a projetos formativos nesse campo.

O país vivia uma fase de transição. Sob a égide da modernidade e da propaganda getulista, a imprensa e, através dela, os intelectuais desempenharam um papel relevante nas acomodações políticas que se seguiram à chamada Revolução de 1930. Foi também o momento em que a educação assumiu importância vital para esse Brasil que buscava se reinventar. A educação passou a ser pensada como um problema social a ser resolvido. A crença era de que a construção de uma identidade nacional, passava invariavelmente pelos bancos escolares e nesse sentido, o momento político parecia favorável para resignificar as atribuições do Estado no âmbito educacional. Para que isso se concretizasse, era necessário popularizar a escola, elaborar um plano de reconstrução, entendido como prioritário não só sob o ponto de vista pedagógico, mas também como elemento essencial para a ensejada modernização da sociedade. Nada mais oportuno para o ambiente de efervescência social, política e cultural que se instalou no país.

---

<sup>1</sup> Para Michael Lowy, intelectuais não são uma classe, mas uma categoria social. Essa categoria se caracteriza pelo seu papel ideológico, porque são produtores diretos dessa esfera. São eles os criadores dos produtos ideológico-culturais que irão ocupar um lugar específico naquilo que se chama processo de produção ideológica.

A época, como afirmado, era povoada pela crença quase messiânica no poder transformador da educação e, naturalmente, mudanças de qualquer ordem pressupunham antes a reorganização completa do sistema de ensino. Schwartzman (2000), pontuou que a educação nos anos trinta era “[...] um assunto altamente politizado que atraía os melhores talentos e provocava os maiores conflitos”. Conflitos esses que em nome da educação e da nacionalidade vão se estender pelos primeiros anos da década de trinta, mobilizando muitas inteligências e muitas negociações.

Ao menos dois grupos se sobressaíram nesse processo: Católicos e Renovadores. Tanto um quanto o outro tiveram a seu dispor intelectuais alinhados com suas ideologias, que atuaram na imprensa, esporádica ou frequentemente. O uso da imprensa – no caso aqui, o jornal – para atingir uma grande parcela da população não era um recurso novo na década de 30. Desde seu início a imprensa brasileira esmerou-se para atingir tal objetivo, assim como também fez desse recurso um importante aliado para tornar públicas as propostas de reformas para o sistema de ensino. Nóvoa (2002) assim se expressa em relação à imprensa como fonte de estudo para a educação:

A imprensa é, provavelmente, o local que facilita um melhor conhecimento das realidades educativas, uma vez que aqui se manifestam, de um e de outro modo, o conjunto dos problemas desta área. É difícil imaginar um meio mais útil para compreender as relações entre a teoria e a prática, entre os projectos e as realidades, entre a tradição e a inovação. São as características próprias da imprensa (a proximidade em relação ao acontecimento, o carácter fugaz e polémico, a vontade de investir na realidade) que lhe conferem este estatuto único e insubstituível como fonte para o estudo histórico e sociológico da educação e da pedagogia.

Para ambos os grupos, portanto, as páginas dos jornais, revistas e outras publicações, além de constituírem instrumento de alto valor estratégico, funcionaram como *trincheiras* onde as antagônicas matrizes discursivas não só estimularam como também promoveram o inevitável confronto de interesses e idéias. Um dos intelectuais envolvidos nesse debate foi Cecília Meireles e é sobre a sua atividade jornalística no jornal carioca “Diário de Notícias”, entre os anos de 1930 a 1933, que iremos nos focar.

Elegemos como objeto de estudo o olhar que contempla as ações, reivindicações e ideologias<sup>2</sup> do Grupo Renovador, do qual a poeta fez parte. Gilberto Velho (1999) chama a atenção para a importância de estudos sobre *condutas organizadas para atingir finalidades específicas*, como foi o caso da atuação de Cecília Meireles no *Diário de Notícias*. Segundo o autor, esses estudos podem nos auxiliar a desenvolver melhor a noção de *campo de possibilidades* como dimensão sociocultural, espaço esse de formulação e de implementação de projetos. Além disso, tais estudos possibilitam a análise de trajetórias individuais “[...] enquanto expressões de um quadro sócio-histórico, sem esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades”. (VELHO, 1999, p. 40).

Nos anos em questão, Cecília dirigiu um espaço de publicação diária destinado a assuntos educacionais: a “Página de Educação”. Nessa página havia uma coluna para os seus “Comentários”, título de uma série de crônicas escritas com a mesma leveza e sensibilidade estética que marcaram a obra da poeta. Nelas, Cecília tornou públicos seus próprios ideais e os do grupo que, como cronista e educadora, ali representava. Não é difícil imaginar, no entanto, que filiar-se a uma causa potencialmente tão polêmica quanto a educação tenha propiciado o nascimento de contendas difíceis de equacionar. Nesse sentido, os intelectuais que se serviram da tribuna pública para estabelecer suas posições e suas ideologias em relação aos projetos educacionais que então se definiam e com os quais se identificavam, não só jogaram com frequência seu destino pessoal, como nos diz Angel Rama (1984), como também outorgaram para si a responsabilidade de intervir na conformação das dinâmicas sociais e, porque não dizer, na configuração do espaço público.

Marcos Cezar de Freitas (2001, p.16), em sua obra sobre os itinerários intelectuais, aponta as décadas de 1920 e 30 como um vigoroso momento em que “[...] se interpelava o Estado a construir a obra educativa necessária à equiparação dos muitos brasis”. Esse vigor deveu-se principalmente ao fato de que nesse período surgiu uma grande diversidade de projetos que, em sua maior parte, pretendiam interferir na criação de uma nova e eficiente política educacional para o país. Liberais, católicos, integralistas, comunistas e socialistas participaram dos debates, com o objetivo de construir o Brasil novo, remodelado e progressista, prometido pela Revolução de 1930.

---

<sup>2</sup> O conceito de ideologia que utilizamos ao longo deste trabalho é o concebido pela Análise do Discurso que desloca o conceito de ideologia de uma formação sociológica para uma formulação discursiva, ou seja, a ideologia não entendida como um elemento de ocultação, mas como um indício, um traço, resultante de problemas reais. Cf. ORLANDI e PÉCHEUX, 1988.

Embora os novos ares que trouxeram a revolução tivessem contribuído bastante para criar a oportunidade perfeita para que o sistema escolar pudesse ser reavaliado, o movimento para disseminar a cultura e revitalizar a educação começou a se esboçar com alguma nitidez, pelo menos, uma década antes. Assim, a criação em 1931 do Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública traduziu, num primeiro momento, a possibilidade de ver realizadas, pela mão do governo, as reformas para a educação que há muito se esperavam. Isso dava a entender que o novo regime, de certa maneira, demonstrava algum nível de rejeição aos princípios de neutralidade escolar consagrados pela Constituição de 1891. No entanto, a política educacional adotada pelo Governo Provisório e pelo Ministro Francisco Campos não agradou a boa parte dos intelectuais que discutiam essas reformas.

Cecília em sua crônica *Pedagogia de ministro*, datada de 30 de abril de 1931, ou seja, quatro meses após a criação do Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública, deixa claro seu desagrado com a atuação do Ministro:

[...] As atitudes do Sr. Francisco Campos, refletindo-se nos vários atos do Ministro da Educação, absolutamente incompatíveis com os ideais avançados da democracia que todas as pessoas de boa fé supuseram existir na Revolução de outubro, estão afirmando cada dia a verdade dura e profunda das palavras de Ferrière.

Quando incertamente se anunciaram a criação desse ministério complexo, que reúne as questões de saúde e de educação, com o nome vetusto de Ministério da Instrução, nós tivemos ensejo de sugerir que o título apropriado para a nova pasta não era esse, mas o que ora possui, de Ministério da Educação. Parece que a sugestão foi acolhida, ou brotou lá dentro dele, também, porque a verdade é que foi aceita. Mas quando nós falávamos em Ministério da Educação estávamos esperando, realmente, uma coisa dessa espécie. Puseram lá o Sr. Francisco Campos. Olhávamos o nome, e perguntávamos: “como agirá o autor da precária Reforma de Ensino mineira, à frente de um ministério de tamanha responsabilidade”? Que pedagogo afinal, seria o Sr. Francisco Campos? E ficamos em observação. Infelizmente, ficamos...

Ouvimos falar numa porção de reformas... Começamos a compreender que a educação, no conceito do Sr. ministro, não era propriamente *educação*, como esperávamos, de acordo com as preocupações que conhecemos, neste momento, em todas as partes do mundo [...] Para o Sr. ministro, a educação, do seu ministério, era uma questão de *ensino*... data daí o nosso desapontamento, e a tristeza de termos concorrido para

dar um nome atual a uma coisa velha como estava predestinado a ser o Ministério da Instrução [...]

A “coisa velha” a que Cecília se referia era o Ministério da Instrução Pública, criado por Benjamim Constant na última década do século XIX quando 90% da população brasileira era analfabeta. Durante os meses subsequentes, a cronista soube tirar proveito desse recurso literário e, com seu estilo irônico e requinte lexical, não economizou palavras contra o governo Vargas e seu Ministro. A longa polêmica que sustentou sobre o decreto de Francisco Campos instituindo o ensino católico nas escolas tinha, em primeiro lugar, razões de foro íntimo. Humanista por excelência, Cecília o considerava arbitrário e ofensivo à liberdade individual, preceito de que nunca abriu mão. Além disso, um decreto dessa natureza feria seguidores de outras religiões, pois apesar do Brasil ser um país oficialmente católico, existiam pessoas que professavam outra fé e seriam obrigadas a partilhar de uma doutrina alheia às suas próprias.

Por essa razão, esse tema foi contemplado em muitas crônicas. Contudo, na medida em que o tempo passava e a ambiguidade das ações e do discurso político de Vargas se tornavam evidentes, as esperanças que grande parte da intelectualidade depositou na revolução, se extinguíram.

Depois de dez meses de regime revolucionário, já se tem o direito de perguntar por alguns resultados práticos desse regime. Não nos *altos* domínios da política. Nos domínios mais *rasos*, nos que estão mais diretamente junto ao povo, naqueles em que, justamente, está mais a representação da nacionalidade – uma vez que um povo não é uma elite, mas uma totalidade. Ora, esses domínios são da educação. E todos nós gostaríamos de saber o que se fez, em matéria de educação, nestes dez meses de um governo que se arriscou à aspiração de realizar coisa melhor que aquele derrubado em novembro. [...] Quando todos pensávamos que atrás da Revolução viria uma época mais clara para a contemplação das necessidades reais do Brasil, e, conseqüentemente um interesse por essas coisas que a muitos governos do passado se perdoaria fossem consideradas fúteis, chegamos à evidência de um retrocesso que não só consterna, mas pode também revoltar. [...] Para muitos, claro está que em dez meses não se pode fazer tudo. E é justo. Mas pode-se fazer alguma coisa. Podem-se, ao menos, perceber as intenções, e, se não aparecem os fatos, revela-se, ao menos, a esperança de seus indícios. (MEIRELES, 04/08/1931, grifo da autora)

Apesar das frustrações, para aqueles intelectuais dos anos 30, ligados a projetos de reformas, incrementar a didática e estabelecer princípios pedagógicos coerentes com a modernização que se pretendia era o cerne da questão. Assim, a filosofia da Escola Nova<sup>3</sup> se apresentou como uma possibilidade de mudanças sem paralelos. Fundamentada nos princípios da biologia e da psicologia, a Escola Nova tinha como pressuposto principal a criança como o centro do processo educativo. Para isso, enfatizava os métodos ativos de ensino. Priorizava o interesse e a liberdade do aluno, adotava métodos de trabalhos em equipe e retomava a antiga tese de Platão, que via a arte como a parte mais bonita e vital da educação. Era uma promessa instigante. Mas será que os grupos que elegeram a nova filosofia ou, ao menos, parte dela, acreditavam integralmente no poder de regeneração de seus métodos sem que isso estivesse conectado a mudanças significativas de ordem comportamental? Sobre esse potencial, Cecília assim se pronuncia:

[...] Não nos deslumbremos com transformações metodológicas: coisas superficiais, aparências que rotulam com cores vivas de modernismo a mentalidade passadista de muitos elementos enraizados em rotinas inabaláveis. As reformas pedagógicas não se justificam apenas com a introdução de fatores pedagógicos concretos: com tabuleiros de areia para ensinar geografia; jogos de linguagem e de aritmética; centro de interesse, testes, etc. Se tudo isso não estiver aviventado por um “espírito” diferente, se tudo isso não levar ao impulso de uma diretriz em harmonia com todos os problemas sociais da atualidade, o que continua prevalecendo é a velha escola de tico-tico, de fachada pintada de novo e professor mascarado [...] (MEIRELES, 22/11/1930).

Evidentemente, todo o aparato de novos conceitos que a nova educação oferecia não seria, por si só, suficiente para resolver a amplitude de modificações relacionadas à sua perfeita aplicação. Inovar era preciso. Mas era preciso também preparar a sociedade e, mormente, o professor, para que essa mudança pudesse se operar de forma harmoniosa e equilibrada. “O educador não pode ficar agarrado a um sistema, a um método, a uma doutrina. A permanência estiolante num determinado ambiente, limitado e imóvel, se já

<sup>3</sup> Embora com um ideal comum, o correto seria dizer “Escolas Novas” haja vista a diversidade de experiências que se produziram ao redor do mundo abrangendo todas as formas de educação que levaram em conta as correntes pedagógicas modernas. É importante ressaltar, no entanto, que no caso do grupo autointitulado *Pioneiros*, os princípios adotados foram de uma vertente da Escola Nova inspirada numa concepção mais nítida do papel da escola como instituição social, cuja característica principal era a veemente defesa de uma escola pública leiga, gratuita e obrigatória.

é pernicioso para um indivíduo qualquer, torna-se coisa criminosa no homem que atua numa questão educacional”. (MEIRELES, 31/01/1931).

Investiu-se muito na resignificação do papel desempenhado pelo professor. Muitas foram as campanhas, cursos promovidos, publicações diversas e apelos jornalísticos, no sentido de incentivar o professorado a adotar os novos métodos e as novas práticas. De certa maneira, foram corajosos os que conseguiram quebrar sua cadência tradicional. Antes, eles tiveram que se submeter a uma transformação, “[...] porque eles mesmos [tiveram] que fazer em si a experiência da renovação”. (Ibidem).

O professor foi lembrado com frequência pela cronista. Na sua concepção, nenhuma teoria poderia se sustentar sem que houvesse um envolvimento visceral dessa figura, sobre a qual pesava toda a sorte de responsabilidades em relação ao sucesso da nova filosofia, assim como ao futuro da humanidade, que estava por seu intermédio sendo preparado. Cecília fez muitos apelos nas suas crônicas para que se investisse mais e melhor em sua formação. Para que o mestre estivesse em conformidade com o que se esperava dele e, especialmente, para que ele se sentisse realizado na sua missão. Também fez muitas críticas àqueles que, por comodidade, não procuravam se adaptar ou não se interessavam em aprofundar seus conhecimentos nos pressupostos da pedagogia moderna preferindo, ao invés disso, combatê-los sem melhor conhecê-los ou manter-se ao largo. Como professora, reconheceu as limitações dos educadores, quer pela sua formação, quer pela sua dificuldade em promover mudanças sob estruturas excessivamente corrompidas.

Quando recebeu um telegrama da cidade de Munique informando sobre a morte de George Kerschensteiner, Cecília escreveu um belo “Comentário” em sua homenagem. Nesse artigo, a cronista deixa clara a sua admiração por esse intelectual, especialmente por sua preocupação com o professor:

Faleceu ontem aqui o professor George Kerschensteiner, famoso pedagogo, professor da Universidade de Munich e antigo membro do Reichstag, que se tornou conhecido como autor de importantes reformas de ensino. E nessas poucas linhas vai uma perda imensa para o mundo moderno, que dia a dia vai fazendo mais claro o seu conceito e o seu desejo de uma vida melhor, através da obra indispensável da nova educação. Entre os investigadores das possibilidades pedagógicas, Kerschensteiner sempre se distinguiu por uma sensibilidade particular de coração, um sentido evangélico da obra de educar, e uma aspiração idealista de fazer de cada professor uma personalidade inteiramente



integrada no seu destino, certa da sua responsabilidade, gloriosa nessa certeza e humilde, na sua glória, daquela humildade que só conhecem os santos e os heróis. Depois de árduas conquistas do pensamento, saindo da investigação psicológica, insistente, e exaustiva, apesar de bela, – encontra-se na obra de Kerschesteiner uma doçura forte de inspiração que era como o sonho depois do pensamento, e o poema, depois da palavra. Seus livros traziam uma seiva de sabedoria, fervorosa e viva, que, como seiva, ia elevando o leitor sempre mais alto, para uma inquietação mais ardente da finalidade humana e uma visão mais límpida da necessidade e da relevância de agir. Enquanto a maioria conquistava brilhantemente espaço mais amplo no estudo da criança e dos caminhos que a ela conduzem, Kerschesteiner procurava na formação do próprio mestre o segredo de utilizar as realidades admiráveis aparecidas ou sonhadas cada dia. Sua figura definiu-se de um modo raro entre as que se empenham no mesmo trabalho de orientação educacional. Outros deixaram, morrendo, um vazio da admiração decepcionada, a angustia da colaboração perdida, a amargura do trabalho interrompido. Kerschesteiner deixa tudo isso, e deixa mais. Sua obra era, principalmente uma obra de amor [...] (MEIRELES, 17/01/1932).

Observamos que, ao longo dos três anos em que Cecília escreveu seus “Comentários” e dirigiu a “Página de Educação”, mesmo quando enfatizou questões políticas ou abordou assuntos burocráticos, não se afastou das suas convicções humanistas. Esse sentimento está marcado de maneira indelével na sua obra literária, e essa mesma característica pode também ser encontrada em quase todos os seus “Comentários”. Suas convicções sobre as questões sociais, sobre o papel da escola nessa eterna busca pelos *impossíveis desejados*, levaram-na a reivindicar os elementos essenciais para que essa crença na possibilidade de desenvolver plenamente as melhores características humanas, ainda na infância, se transformasse nos *possíveis realizados*. Nesse artigo, Cecília transita entre a lucidez corajosa da professora engajada e o sonho da poeta que acredita em tempos melhores:

[...] A escola tem de ser o lugar de reunião daqueles que se preparam para a arte difícil de viver. Seria lamentável que, nesse convívio preliminar, se impusessem divergências e desigualdades, favorecendo e desfavorecendo o princípio de um mundo que desejamos harmoniosamente formado, numa coerência admirável de todos os seus elementos. Sem pretender o impossível de uma uniforme humanidade, o sonho de permitir a elevação de todos até o mais alto nível de si mesmo pode passar a ser realidade definitiva da vida, através da obra inteligente da

educação. Desde que essa obra não se perca na falsidade pretensiosa dos discursos. Desde que sejam postos de lado todos os interesses capazes de diminuir o pensamento inspirador dessa esperada renovação. Desde que, reconhecendo corajosamente todas as dependências das atuais situações, criadas por antigos compromissos, mantendo vidas erradas e destinos constringidos, os homens deste instante resolvam admitir, de fato, a possibilidade de novos rumos para uma futura realidade superior à de hoje, artificial e mesquinha quase sempre. Tudo isso, que parece tão pouco, é muito, e ainda difícil de conseguir. Mas só isso é a obra de educação. Só isso pode emancipar e, por emancipar, aproximar. Gera-se da liberdade gravemente conquistada um sentido de amor imortal que é a única esperança de sustentação do universo. A educação que esquecer esse sentido de amor, ou que o tenha ignorado, perdeu a razão de ser, e não pode mais tentar situar-se nos dias novos que o mundo agora reconquista, depois de tantas experiências e tão formidáveis sacrifícios. (MEIRELES, 06/12/1931).

Assuntos pungentes foram tratados por Cecília da mesma maneira poética que lhe inspiraram os mais célebres contadores de histórias.<sup>4</sup> A infância que sofre, título que mais parece ter saído das colunas policiais dos jornais de hoje, foi um tributo a Panait Istrati, o autor de *Mes départs*, obra na qual Panait descreve toda a criança como revolucionária porque, para ela, as leis da criação se renovam e calcam aos pés tudo que o adulto contra elas edificou: moral, preconceitos, cálculos, interesses mesquinhos – porque a criança é o começo e o fim do mundo; só ela compreende a vida porque se conforma com ela. Nesse ponto o autor diz que não acreditará num futuro melhor, senão quando a revolução for feita sob o signo da infância, porque “[...] hoje, como na idade média e na antiguidade, nenhuma organização social constituída compreende a vida, nenhuma legislação a protege; arbitrariedade e tolice imperam mais que nunca” (MEIRELES, 03/06/1932). Realistas e sombriamente atuais, as obras desse romeno encantaram Cecília:

O que me seduz em Panait Istrati é, acima de tudo, aquele sabor de sinceridade que tem os seus livros: gosto nítido, forte e puro da vida, quer seja a beleza que passe com vagarosos, mas transitórios encantos, quer seja o sofrimento que pare, carregado de mundos misteriosos em que respiram todas as coisas absolutas. A obra de Panait Istrati possui

---

<sup>4</sup> Refiro-me aos persas Hafiz e, especialmente Saadi, o velho sonhador de Shiraz a quem Cecília evoca em boa parte da crônica publicada no dia 03/06/1932, como o título “A Escola da Paciência”, enaltecendo as virtudes dessa Escola aos que se dedicaram à árdua missão de educar.

esse perfume acre da terra cavada; está impregnada de humano cada partícula desse chão: mas não é como se ai se houvessem desfeito cadáveres, e sim como se estivesse nele modelando novas criaturas; não é um solo do passado, mas do futuro, sem desesperos de fim, mas com as dolorosas crispações de próximos nascimentos [...] Panait Istrati é como o cronista de um tempo de transição: as misérias que nos descreve deixam-nos uma ressonância antiga, como se já fossem as últimas existidas; e os sonhos que formula contemplam-nos com olhos familiares, porque são as aspirações errantes e dispersas, coração do presente, – o desejo claro do instante que nos sustenta, o nome da verdade que andamos procurando para nos deslumbrarmos [...] É um grito de angustia da infância oprimida, que assim penetra as palavras do escritor, e as leva mais longe. E esse homem que reconstitui a dor das crianças desamparadas, e crê numa revolução feita sob o signo da infância, é o anunciador de tempos mais belos, em que uma Educação que ainda poucos, hoje, compreendem, tenha humanizado completamente os homens, restituindo-lhes as qualidades que o uso impróprio da vida atirou para o esquecimento, mas cuja renovação é sempre possível esperar. (MEIRELES, 03/06/1932).

As Crônicas de Educação somam quase 800 textos<sup>5</sup>, uma produção de fôlego. Sua autora não desfrutou os sagrados descansos do sábado e domingo, durante esses três anos em que a “Página” e a coluna “Comentários” foram publicadas. Nessa perspectiva, Cecília tornou-se sujeito da história. Ao dirigir a “Página de Educação” e escrever seus “Comentários”, teve a seu dispor um excelente recurso para divulgar a nova pedagogia. Essa série de artigos permite “gestos de interpretação” não somente quanto à questão ideológica da Escola Nova, mas também quanto aos lugares ocupados pelos diferentes sujeitos, naquele momento específico. Não são somente Cecília e seu grupo que se encontram nesses textos. Todo um cortejo de diferentes personagens passeia pelas entrelinhas, defende posições, constrói sentidos, produz memórias. Como pontua ORLANDI (2001, p.8) “[...] analisar os discursos significa refletir sobre a construção dos lugares de interpretação do país na relação com a vida intelectual, porque é através dos discursos que vamos encontrar nosso processo de identificação”.

Cecília não acompanhou o destino do grupo pioneiro como diretora da “Página de Educação”. Ela deixou o *Diário de Notícias* em janeiro de 1933. A “Página” ficou ao encargo do mineiro Atílio Vivacqua, também componente

<sup>5</sup> Referimo-nos aos textos disponíveis para pesquisa, localizáveis e em condições de ser consultados.

do grupo e, como a cronista, signatário do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova. Os poetas, em geral, têm uma visão de finitude diferente da maioria das pessoas. Em uma de suas crônicas, chegou a afirmar que “[...] a contribuição dos poetas, na obra da Nova Educação, consiste, principalmente, nesse abrir de perspectivas que eles talvez não percorram, mas sem as quais as experiências e técnicas ficariam de certo modo limitadas, sem esse apelo para a distância que a ação é que atende, mas o sonho que causa”. (MEIRELES, 30/07/1932, p.6). A cronista certamente não perdeu de vista a realidade do momento e não lhe passou despercebida a imensa dificuldade que, ela e seu grupo, teriam em concretizar seus objetivos. Mesmo assim acreditou na possibilidade de colaborar na construção de um mundo melhor e fez-se combativa e atuante, sabendo que, mesmo que o horizonte que buscava fosse inatingível, estava justificada a caminhada. Nesse seu trabalho diário, Cecília conseguiu expressar com argumentação lógica e poesia toda a amplitude do pensamento educacional, da qual ela e seu grupo compartilharam. Pelos seus “Comentários” é possível afirmar que Cecília constituiu-se signatária do Manifesto e ligou-se ao grupo dos pioneiros porque realmente acreditou na possibilidade de se construir uma sociedade mais justa pelas vias da educação. A Escola Nova lhe seduziu principalmente porque suas principais características poderiam conduzir para essa direção, vinham ao encontro de seus próprios conceitos sobre a arte de educar e de suas próprias crenças na valorização do potencial humano. Na sua leitura, a filosofia da Escola Nova não se propunha a nivelar, ou impor um molde, mas acenava com uma expressão de respeito à personalidade e uma aspiração para a liberdade harmoniosa e responsável, nas quais as diferenças deveriam ser respeitadas e as especificidades trabalhadas e compreendidas. E no seu último “Comentário”, educadora e poeta se misturam e se confundem ao compartilhar o mesmo sonho e a mesma esperança:

### Despedida

Aqueles que se habituaram a falar, de uma coluna de jornal, sobre assuntos de seu profundo interesse e chegaram a saber que alguém os ouvia, e participava da inquietude do seu pensamento – criaram um mundo especial, de incalculáveis repercussões, cuja sorte condicionaram à sua, pela responsabilidade a que ficam sujeitos os autores de toda criação. Esta “Página” foi, durante anos, um sonho obstinado, intransigente, inflexível, da construção de um mundo melhor, pela formação mais adequada da humanidade que o habita.

Diz uma das nossas autoridades no assunto que isto de ser educador

tem, evidentemente, a sua parte de loucura.

Mas além de um sonho, esta “Página” foi também uma realidade enérgica, que muitas vezes, para sustentar sua justiça, teve de ser impiedosa e pela força de sua natureza pode ter parecido cruel.

O passado não é assim tão passado porque dele nasce o presente com que se faz o futuro. O que esta “Página” sonhou e realizou, pouco ou muito – cada leitor o sabe –, teve sempre, como silenciosa aspiração, ir *além*. O sonho e a ação que se fixam acabam: como o homem que se contenta com o que é, e eterniza esse seu retrato na morte.

Assim, este último “Comentário” de uma série tão longa em que andaram sempre juntos um pensamento arrebatado e vigilante; um coração disposto ao sacrifício; e uma coragem completa para todas as iniciativas justas, por mais difíceis e perigosas – este “Comentário” não termina terminando.

Ele deixa em cada leitor a esperança de uma colaboração que continue. Neste sucessivo morrer e renascer que a atividade jornalística, diariamente, e mais do que nenhuma outra, ensina, há bem nítida a noção de esperança que, através de mortes e ressurreições, caminha para o destino que a vida sugere ou impõe.

Pode cessar o trabalho, pode o trabalhador desaparecer, para não mais ser visto ou para reaparecer mais adiante; mas a energia que tudo isso equilibrava, essa permanece viva, e só espera que a sintam, para de novo modelar sua plenitude.

Manteve-nos a energia de um sentimento, claro e isento, destes fatos humanos que a educação codifica e aos quais procura servir.

Nada mais simples; e nada tão imenso. Simples – que até pode ser feito por nós anos inteiros, dia a dia. Imenso – que já se passou tanto tempo, e há sempre mais a fazer, e melhor e mais difícil – e, olhando-se para frente, não se chega a saber em que lugar pode ser colocado o fim.

Não é aqui. Positivamente. Aqui é, como dissemos, a esperança de continuação, tanto na voz que se suceder à que falava como em cada ouvinte que lhe traga a colaboração de sua inteligência compreensiva, atenta, ágil e corajosa; a inteligência que o Brasil precisa para se conhecer e se definir; a inteligência de que os homens necessitam para fazerem a sua grandeza nos campos mais adversos, sob os céus mais perigosos; a inteligência que desejaríamos exatamente tanto possuir como inspirar, porque essa é, na verdade, uma forma às vezes dolorosa, mas sempre definitiva de salvação. (MEIRELES, 1933).

C.M.

## Referências

- BERGSTROM, Lourenço Filho. **Introdução ao estudo da Escola Nova**. 6ª ed. Melhoramentos, 1948.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde nacional e fôrma cívica**. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 1998.
- CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (Org.). **Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- FAUSTO, Boris. **A revolução de 1930**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 9.ed., 1983.
- FREITAS, Marcos Cezar de. **História, antropologia e a pesquisa educacional: itinerários intelectuais**. São Paulo: Cortez, 2001, p.15-16.
- LOWY, Michael. **Pour une sociologie des intellectuels révolutionnaires: l' evolution politique de Luckacs (1909-1929)** Paris: Presses Universitaires de France, 1976, p.17-18.
- MEIRELES, Cecília. **Jornalismo e educação**. Rio de Janeiro, Diário de Notícias, 3/08/1930.
- \_\_\_\_\_. **Escola para a criança**. Rio de Janeiro, Diário de Notícias, 22/11/1930.
- \_\_\_\_\_. **A passagem dos ideais**. Rio de Janeiro, Diário de Notícias, 31/01/1931.
- \_\_\_\_\_. **Coisas evidentes**. Rio de Janeiro, Diário de Notícias, 04/08/1931.
- \_\_\_\_\_. **Educação**. Rio de Janeiro, Diário de Notícias, 06/12/1931.
- \_\_\_\_\_. **A infância que sofre**. Rio de Janeiro, Diário de Notícias, 03/06/1932.
- \_\_\_\_\_. **Folclore e educação**. Rio de Janeiro, Diário de Notícias, 30/07/1932.
- \_\_\_\_\_. **Kerschensteiner**. Rio de Janeiro, Diário de Notícias, 17/01/1932.
- \_\_\_\_\_. **Crônicas de educação**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, vol, I, II,III, IV e V,2001.
- ORLANDI, Eni P. et al. **Sujeito e texto**. São Paulo: EDUC - Editora da PUC-SP, 1988.
- ORLANDI, Eni P. (Org.). **Discurso fundador. A formação do país e a construção da identidade nacional**. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Gestos de leitura: da história no discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.
- PINHEIRO Paulo Sérgio et al. **O Brasil Republicano**. Volume 2: Sociedade e instituições (1889-1930). 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria; RIBEIRO COSTA, Vanda Maria. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getulio Vargas, 2000.
- STRANG, Bernadete de L. **Sob o signo da reconstrução: os ideais da Escola Nova**

Intelectuais na imprensa: as crônicas de educação de Cecília de Meireles no jornal carioca...

divulgados pelas crônicas de educação de Cecília Meireles. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, 2003

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p.40; 101 e 103.

Recebido para publicação em 21 maio 2009

Aceito para publicação em 01 dez. 2009